

Tradução de: MARSHALL, Alfred. **The Present Position of Economics**: An Inaugural Lecture Given in the Senate House at Cambridge. London: MacMillan and Co., 1885.

A posição atual da Economia

§1. Há doze anos, a Inglaterra possuía talvez os economistas mais capazes que já existiram num país a um só tempo. Mas, um após outro, foram sendo tirados de nós Mill, Cairnes, Bagehot, Cliffe Leslie, Jevons, Newmarch e Fawcett. E não contente, a morte nos tirou também um dos melhores da nova geração, Arnold Toynbee. Nunca houve uma ciência tão necessitada do trabalho que os seus melhores filhos poderiam lhe dar do que a Economia; e há poucos capazes de oferecê-lo.

Diferente de outros, e em alguns aspectos mais do que todos os outros, estava ele no lugar que imerecidamente ocupo. Ele era único. A história não distingue ninguém que tenha alcançado sua grandeza. Sua genialidade se mostrava em seu caráter, assim como em seu pensamento. Sua coragem e ternura, sua devoção pessoal e simplicidade eram uma fonte de energia tão grande quanto sua maravilhosa força e clareza de pensamento. E assim foi capaz de assumir uma posição que nenhum outro economista assumiu. Ele foi capaz de dizer às pessoas verdades desagradáveis e receber seus sinceros agradecimentos por dizê-las. As classes trabalhadoras viam nele o amigo dos fracos e oprimidos, o bravo defensor do trabalhador rural e do camponês indiano. E eles o ouviam com mais do que tolerância quando lhes ensinava a dura doutrina segundo a qual deviam alcançar sua salvação social, principalmente, por meio de seus próprios esforços. Ele os levava, assim como a nós todos, a pensar séria e pacientemente em nossos males econômicos e os remédios para eles.

O professor estava sempre aprendendo. As sucessivas edições de sua *Economia Política*, assim como outros trabalhos que vieram de sua pena, testemunharam o constante amadurecimento de sua mente. Seu último trabalho era sempre o melhor, o mais forte, o mais original, o mais sugestivo que já escrevera. E se depois de ter lido tudo ainda restasse alguma dúvida, bastava falar com ele e ele nos faria ver. O mesmo poder mágico que lhe permitia quase enxergar as coisas ao seu redor quando seus olhos estavam na escuridão, habilitava-o a falar sobre o real funcionamento das questões econômicas práticas de uma maneira tão vívida que eu, pelo menos, nunca vi igual. Mas ele se foi. E nós que ficamos devemos continuar o seu trabalho da melhor maneira possível, guiados por seus pensamentos claros e animados por seu corajoso exemplo.

§2. Minha tarefa hoje será fazer um breve relato do campo do economista como eu o entendo, e o que me parece que Cambridge pode fazer de melhor nele.

É amplamente conhecido que a Economia, em alguma medida, mudou sua fronteira durante a geração atual. Mas a natureza da mudança é muito mal compreendida. Costuma-se dizer que aqueles que deram o tom do pensamento econômico na Inglaterra na primeira metade do século [dezenove] eram teóricos que negligenciavam o estudo de fatos e que essa era especialmente uma falha inglesa. Tal acusação me parece infundada. Muitos deles eram homens práticos com um conhecimento amplo e direto dos negócios. Escreveram histórias econômicas que, a seu modo, eram pelo menos equivalentes a qualquer outra escrita até então. Utilizaram-se da coleção de estatísticas de agências públicas e privadas, da admirável série de inquéritos parlamentares, que têm sido modelo para outros países, e inspiraram a escola histórica alemã moderna em muitos de seus melhores pensamentos.

E quanto à sua tendência a se entregar a raciocínios excessivamente abstratos, na medida em que a acusação é totalmente verdadeira, ela é principalmente devida à influência de um gênio magistral, que não era inglês, e tinha muito pouco em comum com o modo de pensar inglês. As falhas e virtudes da mente de Ricardo são vestígios de sua origem semita. Nenhum economista inglês tem uma mente semelhante à sua.

§3. A mudança que tem sido feita no ponto de vista da Economia pela geração atual não é devido, então, à descoberta da importância de suplementar e guiar a dedução pela indução, pois isso já era bem conhecido. É devido à descoberta de que o próprio homem é, em grande medida, uma criatura das circunstâncias e muda com elas. E a importância dessa descoberta foi acentuada pelo fato de que a ampliação e a seriedade do conhecimento produziram recentemente e estão produzindo mudanças rápidas e profundas na natureza humana.

No início do século dezenove, o grupo das ciências matemático-físicas estava em ascensão. Essas ciências, muito diferentes umas das outras, têm como ponto em comum um objeto constante e imutável em todos os países e em todos os tempos. O progresso da ciência era familiar às mentes dos homens, mas o desenvolvimento do objeto da ciência lhes era estranho. Com o passar do século, o grupo das ciências biológicas ia lentamente abrindo caminho e as pessoas estavam tendo ideias mais claras quanto à natureza do crescimento orgânico. Elas estavam aprendendo que, se

o objeto de uma ciência passa por diferentes estágios de desenvolvimento, as leis que se aplicam a um estágio raramente se aplicarão sem modificação a outros; as leis da ciência devem ter um desenvolvimento correspondente ao das coisas de que tratam. A influência dessa nova noção difundiu-se gradualmente para as ciências relacionadas ao homem. De diferentes maneiras, Goethe, Hegel, Comte e outros autores chamaram a atenção para o desenvolvimento do caráter interno e externo das instituições do homem, e trabalharam rumo à noção de traçar e comparar os modos de crescimento dos diferentes lados da natureza humana.

Finalmente, as especulações da biologia promoveram um grande avanço: suas descobertas fascinaram a todos como as da física em anos anteriores. As ciências histórica e moral atuais, em consequência, tiveram que mudar seu tom e a Economia fez parte desse movimento geral. A mudança não pode ser atribuída, principalmente, a qualquer ataque particular feito à doutrina econômica, nem à influência de escritores individuais, seja na Inglaterra ou em outros países, embora alguma exceção possa de fato ser feita em favor de List. A mudança é essencialmente devida às irresistíveis forças da época afetando de uma só vez toda a nova geração em todas as partes do mundo.

§4. A principal falha, então, dos economistas ingleses do início do século não era que ignoravam história e estatística, mas que Ricardo e seus seguidores negligenciaram um amplo grupo de fatos e um método de estudar fatos que vemos agora ser de fundamental importância. Eles viam o homem como, por assim dizer, uma quantidade constante e se dedicaram pouco ao estudo de suas variações.

As pessoas que conheciam eram majoritariamente homens da cidade e consideravam tacitamente que os outros ingleses eram muito parecidos com aqueles que conheciam na cidade. Sabiam que habitantes de outros países tinham suas próprias peculiaridades, mas viam tais diferenças, quando pensavam nelas, como superficiais e estavam certos de serem removidas tão logo outras nações conhecessem a maneira superior que os ingleses estavam prontos para ensiná-las. A mesma inclinação que levou nossos advogados a impor a *common law* inglesa aos hindus, levou nossos economistas a elaborar suas teorias sobre a tácita suposição de que o mundo era feito de homens da cidade.

§5. Isso causou pouco dano na medida em que trataram de dinheiro e comércio exterior, mas grande dano quando trataram das relações entre diferentes classes industriais. Levou-os a olhar o trabalho simplesmente como uma mercadoria sem se colocarem sob o ponto de vista do trabalhador; sem considerar suas paixões

humanas, seus instintos e hábitos, suas simpatias e antipatias, seus ciúmes de classe e sua aderência à classe, seu desejo de conhecimento e oportunidades para a ação vigorosa e livre. Atribuíam, portanto, às forças de oferta e demanda uma ação muito mais mecânica e regular do que realmente tinham, e estabeleceram leis em relação a lucros e salários que realmente não se sustentariam nem para a Inglaterra de seu próprio tempo.

Mas sua falha mais vital foi não enxergarem o quanto os hábitos e instituições da indústria estavam sujeitos à mudança. Em particular, não viam que a pobreza do pobre é a principal causa da fraqueza e ineficiência que são as causas de sua pobreza: não tinham a fé, que economistas modernos têm, na possibilidade de uma grande melhoria na condição das classes trabalhadoras.

§6. A perfectibilidade do homem foi de fato afirmada por Owen e outros socialistas. Mas suas visões eram baseadas em pouco estudo histórico e científico, e eram expressas com uma extravagância que repeliu os economistas da época mais voltados para os negócios. Os socialistas nem sempre tentaram entender as doutrinas que atacaram e não há dificuldade em mostrar que com frequência falharam justamente em apreender a natureza e eficiência da existente organização econômica da sociedade. Não é, portanto, uma questão imaginar que os economistas, inflados por suas vitórias sobre um conjunto de pensadores muito mais sólido, não se incomodaram em examinar nenhuma das doutrinas dos socialistas e, finalmente, suas especulações sobre a natureza humana.

Mas os socialistas foram homens que sentiam intensamente e que sabiam algo sobre as fontes ocultas da ação humana as quais os economistas não consideravam. Enterradas sob suas rapsódias selvagens havia observações perspicazes e sugestões férteis com as quais filósofos e economistas tinham muito a aprender. E gradualmente sua influência começou a aparecer. A dívida de Comte para com eles é muito grande e a crise na vida de John Stuart Mill, tal como nos conta em sua autobiografia, sobreveio a partir de sua leitura. A influência que exercem hoje em jovens economistas na Inglaterra e na Alemanha é importante e eu a considero salutar em sua maior parte, embora a associação com a filantropia fervorosa talvez leve a uma tendência ao raciocínio rápido e não científico.

§7. Entre os maus resultados da estreiteza do trabalho dos economistas ingleses do início do século dezenove talvez o mais infeliz tenha sido a oportunidade que deu aos socialistas de citar e aplicar incorretamente dogmas econômicos. Esses dogmas foram retirados de seu contexto e definidos como verdades necessárias e universais,

embora um pouco de cuidado revelasse que foram originalmente apresentados não como verdades independentes, mas resultado de exemplos particulares de um método científico de investigação. Ricardo e seus principais seguidores podem ser culpados pelo que se omitiram a fazer, mas não cometeram, na extensão em que geralmente se supõe, a falha de reivindicar a universalidade e a necessidade de suas doutrinas. Não tornaram, entretanto, seus movimentos óbvios. Não deixaram claro para outros, nem tinham bem claro para si mesmos, que o que estavam construindo não era uma verdade universal, mas um mecanismo de aplicação universal na descoberta de certa classe de verdades. Esse é o principal ponto em que desejo insistir hoje.

§8. Adam Smith é mais amplamente conhecido por seu argumento de que o Governo causa dano ao interferir no comércio. Ele admitia que o autointeresse frequentemente levava o negociante individual a agir em prejuízo da comunidade: mas pensava que o Governo, mesmo com as melhores intenções, quase sempre servia pior ao público do que a iniciativa do negociante individual, por mais egoísta que ele pudesse ser. Essa doutrina é a que os autores alemães têm principalmente em vista quando falam em *Smithianismus*. Mas ela não foi sua principal obra. Sua principal obra foi indicar a maneira pela qual o valor mede a motivação humana.

É possível que não tenha enxergado o movimento completo do que estava fazendo, certamente ele não foi percebido por muitos de seus seguidores que aproximaram a economia à perspectiva dos negócios em vez da filosofia. Mas a melhor obra econômica posterior à *Riqueza das Nações* é distinta das que vieram antes por uma visão mais clara de equilíbrio e ponderação, pelo significado do dinheiro, do desejo de possuir uma coisa, por um lado, e, por outro, de todos os variados esforços e abnegações que direta ou indiretamente contribuem para isso. Importante como os passos dados por outros nessa direção, seu avanço foi grande o suficiente para marcar uma época.

Ele mostrou a necessidade de analisar as causas que determinam a dificuldade de apreensão dos diversos resultados econômicos; de investigar quais delas são tão uniformes em sua ação que podem ser reduzidas à lei e assim tornadas a base da mensuração científica. Essas causas geralmente estão muito abaixo da superfície e provavelmente são ignoradas pelo observador comum. Mas ele viu que, no longo prazo, elas são de fundamental importância. E, já que em alguma medida lhes podia ser aplicado o tratamento científico, ele justamente julgou melhor dedicar-lhes sua principal atenção. Os inquietos e irregulares incidentes do mercado não podem na maioria das vezes serem reduzidos à ordem e trazidos diretamente ao alcance do

mecanismo científico. Mas, quando aquelas causas que agem com razoável uniformidade são compreendidas, e seus efeitos considerados, então os efeitos residuais das outras causas destacam-se fundamentalmente. A investigação dos resultados que podem ser trazidos por leis¹ auxilia na compreensão daqueles que não podem, e assim a ciência é capaz indiretamente de emprestar sua ajuda em desemaranhar o novelo de eventos da vida real. O ponto de vista de Adam Smith foi gradualmente desenvolvido por Ricardo, Cournot, Hermann, Jevons e outros.

§9. A forma externa da teoria econômica foi moldada por sua conexão com a riqueza material. Mas tem se tornado claro que a verdadeira *raison d'être* da teoria é fornecer um mecanismo que nos ajuda a pensar sobre as motivações da ação humana passíveis de mensuração. No mundo em que vivemos, o dinheiro, como representação geral do poder de compra, é a melhor medida das motivações e nada pode competir com ele nesse quesito. Mas isso é, por assim dizer, um acidente, e talvez um acidente que não seja encontrado em outros mundos além do nosso.

Quando nesse mundo queremos induzir um homem a fazer qualquer coisa por nós, geralmente lhe oferecemos dinheiro. É verdade que podemos apelar para sua generosidade ou senso de justiça, mas isso seria invocar motivações latentes que já estão presentes na existência em vez de oferecer novas motivações. Se temos que oferecer uma nova motivação, geralmente consideramos por quanto dinheiro valeria a pena fazê-lo. Algumas vezes, de fato, a gratidão, a estima ou a honra tomadas como indutoras de ações podem aparecer como uma nova motivação: particularmente se puder ser cristalizada em alguma manifestação externa definida, como no direito de usar as letras C.B.², uma estrela ou uma comenda.

Nesse mundo tais distinções são relativamente raras e associadas a poucas transações. E não servem como medida das motivações ordinárias que governam os homens nos atos do cotidiano. Mas, mesmo aqui, feitos políticos são recompensados mais frequentemente com tais honrarias, então, adquirimos o hábito de medi-los não em dinheiro, mas em honrarias. Dizemos, por exemplo, que os esforços de A em benefício de seu partido ou do Estado, conforme o caso, foram justamente pagos com um título de cavaleiro, enquanto para B, que ganhou um baronato, esse seria um pagamento miserável.

¹ Elas agora são chamadas Normais. Adam Smith as chamava Naturais. Mas ele não estava completamente livre das noções metafísicas do século dezoito quanto à Natureza e, embora nesse ponto muito à frente de seus contemporâneos franceses, nem sempre distinguia perfeitamente as leis causais da Natureza no modo indicativo e suas leis éticas no imperativo.

² [N. do T.] Refere-se provavelmente a 'Chairman of the Board' ou presidente do conselho.

É bem possível que em outros mundos além do nosso possa não haver propriedade privada de coisas materiais, nem riqueza como é geralmente entendida por nós, mas haja honras públicas distribuídas por tabelas de pontuação como recompensas por cada ação feita pelo bem do outro. Se essas honras podem ser transferidas de uma pessoa para outra sem intervenção de qualquer autoridade externa, elas podem servir para medir a força das motivações quase tão conveniente e exatamente como o dinheiro faz entre nós. Nesse mundo pode haver um tratado de teoria econômica muito semelhante ao atual, ainda que mencione muito pouco sobre coisas materiais e nada mencione sobre dinheiro.

Parece quase bobagem insistir nisso, mas não é, pois uma associação equivocada cresceu nas mentes das pessoas entre a mensuração das motivações, que é a principal tarefa da ciência econômica, e um olhar exclusivo para a riqueza material em detrimento de outros e mais elevados objetos de desejo. A única condição requerida para uma medida com propósitos econômicos é que deve ser algo definido e transferível. Considerar uma forma material é prático e conveniente neste mundo, mas não é essencial.

§10. Porém, apesar de conferir essa alta e transcendente universalidade ao esquema central do raciocínio econômico, não podemos atribuir qualquer universalidade aos dogmas econômicos. Pois aquela parte da doutrina econômica, que sozinha pode reivindicar universalidade, não tem dogmas. Não é um corpo de verdades concretas, mas uma máquina para a descoberta de verdades concretas, similar, digamos, à teoria da mecânica.

Essa teoria nada afirma sobre a deformação máxima das pontes. Cada ponte tem suas peculiaridades de construção e materiais: a mecânica fornece um mecanismo universal que ajudará a determinar o nível de deformação que qualquer ponte suportará. Mas não há dogmas universais pelos quais essa deformação possa ser determinada sem a observação dos fatos particulares do caso.

Suponha que todas as pontes dos canais de Veneza fossem, como de fato muitas delas são, muito semelhantes quanto aos materiais e à construção geral: suponha que houvesse um número de dogmas gerais aproximadamente verdadeiros em relação a todas elas e suponha que alguns engenheiros aplicassem esses dogmas à construção de pontes sob diferentes circunstâncias e em outros lugares. Quando a queda das novas pontes mostrasse a loucura de reivindicar universalidade para os dogmas práticos da mecânica, pessoas impetuosas correriam para a conclusão de que não haveria um órgão universal de raciocínio mecânico. Esse me parece

exatamente o erro cometido pela ala extrema da escola “real” ou histórica dos economistas alemães. Devo retornar a esse ponto.

§11. Em última análise, parte desse órgão sem dúvida será apresentada como uma teoria perfeitamente pura ou abstrata.³ Mas, atualmente, enquanto estamos buscando nosso caminho, parece melhor sacrificar a generalidade da forma em alguma medida e conformar aos modos de expressão adotados pelos economistas mais velhos.

Pois, de fato, quando falaram do ‘homem econômico’ guiado por motivações egoístas, ou melhor, autointeressadas, não expressaram exatamente seu sentido. Por exemplo, Mill diz que nos fenômenos econômicos “a lei psicológica mais considerada é a familiar em vez do maior ganho”;⁴ e argumenta que a ciência fica melhor na economia do que em outros fenômenos sociais, porque ela lida com motivações que podem ser comparadas e mensuradas umas em relação às outras. É essa noção de mensurabilidade que ele realmente toma como base de sua obra, embora não a enfatize suficientemente.

Sempre que vislumbramos o homem econômico, ele não é egoísta. Pelo contrário, é geralmente dedicado ao trabalho duro de poupar capital principalmente em benefício de outros. O fato é que o desejo de garantir provisão para a própria família age de modo muito regular e é eminentemente capaz de ser reduzido à lei: e é proeminente em todo raciocínio econômico porque, embora altruísta, é mensurável. Novamente, se, como Cliffe Leslie,⁵ analisarmos toda a infinita variedade de motivações comumente tomadas em conjunto sob o termo “amor pelo dinheiro”, veremos que são de todo tipo. Incluem muito dos mais elevados, refinados e altruístas elementos da nossa natureza. O elo que os associa é que podem ser mais ou menos mensurados e, neste mundo, são medidos por dinheiro.

³ A ambição de elaborar uma teoria puramente abstrata de um modo ou de outro provavelmente apareceu em muitos estudiosos do assunto: Mill a teve quando escreveu (1829) seu ensaio sobre *O método da Economia Política*. Mas se afastou muito dela quando veio a escrever seus *Princípios de Economia Política com algumas de suas aplicações à Filosofia Social*. Permanecia neste último alguma inconsistência no uso do termo Economia Política. Mas sua visão sobre o modo pelo qual a questão econômica devia ser estudada nunca foi restrito a meras abstrações e, em última análise, tornou-se muito amplo; mais amplo inclusive que seu próprio pensamento prático que não era restrito. Muito do que foi escrito pelas mais novas escolas na Inglaterra e Alemanha em favor de tratar as questões econômicas sobre uma base a mais ampla possível foi antecipado por ele (ver em particular *Lógica*, Livro VI, e sua resenha de Comte). Mas também apontou dificuldades frequentemente desconsideradas mesmo agora pelos que escrevem sobre método, que não têm enfrentado problemas difíceis. O Sr. Walker, em sua admirável *Economia Política*, §19, ao citar integralmente o título dos *Princípios de Economia Política*, de Mill, apresenta um pequeno extrato de seu ensaio sobre o método, que pode ter, penso eu, um efeito enganador. O Sr. Walker afirma que ele é mais restrito e menos filosófico do que a doutrina de Cairnes; enquanto em minha opinião ele inclui a doutrina de Cairnes e revela um amplo espectro de *insight* filosófico.

⁴ *Logic*, Livro VI, cap. ix, §3.

⁵ *Essays in Political and Moral Philosophy*, pp.1-8.

Porém, embora na formulação do nosso órgãoon econômico a ideia de mensurabilidade deva estar sempre presente, não deveria, penso eu, ser fundamental. Por razões práticas, e para manter o melhor do nosso toque de vida real, será melhor continuar a tratá-la como principalmente relacionada àquelas motivações às quais um preço monetário pode ser direta ou indiretamente atribuído. Mas motivações que são egoístas ou autointeressadas não têm que reivindicar por maior consideração do que outras, exceto na medida em que possam ser mais facilmente mensuráveis e que lhes possa ser mais facilmente atribuído um preço em dinheiro.

§12. O órgãoon, então, deve se referir a uma análise das motivações positivas do desejo por diferentes bens e das motivações negativas da relutância em enfrentar a fadiga e os sacrifícios envolvidos em sua produção.

A análise é difícil principalmente porque ambas as classes de motivações agem em boa medida indiretamente. Há muitos passos entre nossa demanda pelo carvão que nos é trazido por ferrovia e a demanda de outras pessoas pelos motores da locomotiva e pelos maquinistas que os trazem. Há muitos passos entre o sacrifício de um pai, que envia seu filho para uma escola cara, e a produção final de um tapete a partir dos desenhos feitos por aquele filho depois de crescido. É tão difícil essa análise, tão sutis são os processos de raciocínio envolvidos nela, tão diferentes são os fatores que mutualmente se modificam e que devem ser considerados, tão numerosas são as espirais envolvidas no raciocínio, que até hoje a tarefa é apenas parcialmente dominada.

Em populares debates sobre economia um evento é representado como determinante de um segundo, que determina um terceiro, que determina um quarto, e assim por diante. O raciocínio desse tipo pode ser seguido sem esforço por qualquer um, mas não corresponde aos fatos da natureza e tem gerado muita confusão. No comportamento humano, uma condição não controla a outra, mas em conjunto elas se determinam mutuamente. Alcançar uma visão dessa ação múltipla e mútua é uma tarefa para poucos. Ninguém pode realizá-la salvo aqueles treinados nos hábitos do pensamento científico e que trabalham com o auxílio de um órgãoon especial.

Esse órgãoon lida com o jogo de motivações mensuráveis que se movimentam em favor e contra umas às outras, equilibrando-se entre si e sendo substituídas por outras, embora as pessoas envolvidas possam ser de classes ou mesmo de países que têm pouca relação direta com isso. E se estabelece o mais complexo jogo das motivações humanas que muda o poder de compra do dinheiro e, assim, altera a medida de todas as motivações.

Por fim, considerar o fato de que a mesma soma de dinheiro corresponde a um maior prazer para o pobre do que para o rico, ajuda a determinar as relações entre o ganho em dinheiro que uma nação obtém a partir de uma dada mudança social ou industrial e o incremento total de felicidade decorrente dela. Essa tarefa pertence mais propriamente ao órgão econômico, embora tenha sido muito negligenciada por economistas até recentemente. Se mais atenção tivesse sido dada a isso, teríamos evitado muitas das aplicações não inteligentes da doutrina do *laissez-faire*, segundo a qual qualquer coisa que aumente a riqueza aumenta necessariamente o bem-estar. Por uma reação natural, muitos reformadores sociais de hoje, em seu desejo de melhorar a distribuição, são descuidados quanto aos efeitos de seus esquemas de produção de riqueza. Argumentam que, se a distribuição de riqueza fosse algo melhorada, sua desigualdade fosse algo reduzida, a renda nacional atual ou mesmo um pouco menor seria suficiente para todas as necessidades razoáveis do homem. Mas a estatística prova não ser esse o caso.

Quase não há limite para os desenvolvimentos da teoria econômica: mas, dentro do possível, apenas uma pequena parte é útil por ter uma relação direta com questões práticas. Ricardo, que acrescentou à teoria mais do que qualquer outro, foi infeliz na escolha dos casos a serem trabalhados em detalhe. É verdade que muitos de seus problemas, embora nos pareçam ter pouca orientação prática, ainda correspondiam muito proximamente aos fatos reais de seu tempo. Isso requer, por exemplo, algum esforço para lembrar que, desde então, tem acontecido uma mudança nas causas que governam os preços dos produtos agrícolas na Inglaterra. Mas, depois de feitas todas as concessões desse tipo, devemos admitir que ele não fez uma seleção muito boa.

Desde sua época foram feitos muitos aperfeiçoamentos na escolha e na organização dos casos a serem estudados: assim o órgão tem se tornado mais adequado às condições reais. Mas o trabalho requer um pensador construtivo de calibre similar ao de Ricardo. Jevons poderia ter feito grande parte dele se sua vida não tivesse sido ceifada tão cedo. Seja como for, ainda resta muito a ser feito. Há muito poucos campos que oferecem uma safra tão importante e rica para o empreendimento científico.

§13. Tal, então, é o trabalho a ser feito pelo órgão econômico. Mas duas objeções intimamente relacionadas são levantadas. A primeira encontra falha em qualquer tentativa de separar o estudo da economia do de outros fenômenos sociais. A segunda afirma que devemos raciocinar diretamente de fatos para fatos, sem a

intervenção de qualquer teoria formal; para solucionar os problemas econômicos modernos, deveríamos nos referir diretamente aos ensinamentos da história.

Ambas as objeções me parecem ativar um equívoco quanto à natureza e ao lugar da teoria econômica. Elas pressupõem que o raciocínio será, de algum modo, simplificado ao descartar a teoria. Porém, foi bem estabelecido por Mill e outros que o trabalho ao qual o *órganon* é aplicado não pode ser evitado. Pode ser feito quase inconscientemente, mas deve ser feito. E, se o auxílio do *órganon* é recusado, procede-se mal. Esse argumento, penso eu, nunca foi suficientemente discutido pelos objetores, mas o reafirmarei à minha maneira.

§14. A primeira objeção foi levantada principalmente por Comte e seus seguidores. Uma das maiores dívidas que temos com o gênio de Comte está na clareza e no vigor com que mostrou como são complexos os fenômenos sociais, como estão intrincadamente entrelaçados uns aos outros, e ainda como são mutáveis. Portanto, argumentou contra qualquer estudo separado de uma parte deles e foi especialmente veemente ao condenar os economistas ingleses contemporâneos.

Isso foi parcialmente explicado pelo fato de que os seguidores continentais da escola inglesa exageraram seu dogmatismo, como era natural, e o argumento de Comte é indubitavelmente válido contra dogmas econômicos. Mas a complexidade e o entrelaçamento dos fenômenos sociais não justificam dispensar o auxílio do *órganon* econômico em seu devido lugar: pelo contrário, ampliam a necessidade dele.

É inútil falar da maior autoridade de uma ciência social unificada. Sem dúvida, se ela existisse, a Economia teria prazer em se abrigar sob suas asas. Mas ela não existe e não dá sinais de vir a existir. Não adianta esperar ociosamente por isso. Devemos fazer o que podemos com nossos recursos atuais.

Os únicos recursos que temos para lidar com os problemas sociais como um todo repousam no julgamento do senso comum. Para o momento, e ainda por um bom tempo, esse deve ser o árbitro final. A teoria econômica não reivindica retirá-lo de sua suprema autoridade, nem interferir na maneira ou mesmo na ordem em que opera, mas apenas assisti-lo em uma parte de seu trabalho. Pois o senso comum não lida com um problema complexo como um todo. Seu primeiro passo é quebrar o problema em suas diversas partes; discute então um conjunto de considerações depois do outro e, finalmente, sintetiza e chega às suas conclusões. O fato que Comte parece ter ignorado é que a mente humana não tem outro método de investigação que não esse; que um problema complexo é quebrado em suas partes componentes, menos metodicamente de fato, mas não menos completamente, pelo senso comum

do que pela análise formal. Quando ele então é quebrado, cada parte separada oferece uma base para exame por um órgão científico específico, se houver um disponível.

Em quase todo problema social importante, uma dessas partes componentes está ligada às ações e sacrifícios que geralmente têm um preço em dinheiro. Esse conjunto de considerações é quase sempre um dos mais difíceis, daqueles em que o senso comum inculto provavelmente tomará o caminho errado. Mas felizmente é um dos que oferecem a base mais firme para o tratamento científico. O órgão econômico mobiliza a força acumulada de muitos dos melhores gênios de muitas gerações de homens. Mostra como analisar as motivações em operação, como agrupá-las, como traçar suas relações mútuas. E, então, ao introduzir métodos de raciocínio sistemáticos e organizados, nos capacita a lidar com esse lado do problema com maior força e certeza do que quase qualquer outro lado, embora provavelmente esse fosse o lado mais incontrolável de todos sem tal auxílio. Tendo feito seu trabalho, ele se retira e deixa para o senso comum a responsabilidade da decisão última, sem se colocar no caminho ou forçar qualquer outro tipo de conhecimento, sem prejudicar o senso comum em sua capacidade de acionar qualquer outro conhecimento disponível, nem de modo algum dificultá-lo. Ajuda-o onde pode ajudar e, de resto, mantém o silêncio.

Algumas vezes, de fato, o economista pode tomar uma decisão prática como se fosse com a autoridade de sua ciência, mas tal decisão é quase sempre meramente negativa ou crítica, no sentido de que um plano proposto não produzirá o resultado desejado. Assim como um engenheiro poderia dizer com autoridade que certo tipo de eclusa não seria adequado para seu fim. Mas um economista como tal não pode dizer qual o melhor caminho a seguir, como tampouco um engenheiro como tal pode decidir qual a melhor rota para o canal do Panamá.

É verdade que um economista, como qualquer outro cidadão, pode fazer seu próprio julgamento quanto a melhor solução para vários problemas práticos, como um engenheiro pode dar sua opinião sobre o melhor método para financiar o canal do Panamá. Mas nesses casos o conselho tem apenas a autoridade do indivíduo que lhe dá: ele não fala com a voz da ciência. E o economista tem que ser especialmente cuidadoso para deixar isso claro, porque há muita incompreensão quanto ao escopo de sua ciência e reivindicações indevidas de autoridade em questões práticas têm sido frequentemente apresentadas em seu nome.

§15. A próxima objeção vem da ala extrema da moderna escola “real” ou histórica de economistas.

Seria difícil superestimar a importância do trabalho que tem sido feito pelos grandes líderes dessa escola em traçar a história dos hábitos econômicos e das instituições. É um dos grandes feitos de nossa época e é ainda do mais alto valor para a riqueza do mundo. Tem feito mais do que qualquer outra coisa para ampliar nossas ideias, aumentar nosso conhecimento de nós mesmos e nos ajudar a entender o plano central, por assim dizer, do Divino governo do mundo: tais estudos levaram diretamente a algumas generalizações amplas que têm iluminado enormemente nosso caminho como uma luz abrangente e difusa, que tornaram mais claras e verdadeiras nossas noções sobre a orientação geral dos problemas econômicos.

Mas não lançam uma luz direta sobre os problemas econômicos específicos de nossa época. Não nos autorizam de modo algum a dispensar o uso do órgão econômico: mas, em vez disso, lançar mão de seu auxílio em cada passo. E aqueles cujos grandes feitos tornaram a escola ilustre nunca tentaram dispensar a ajuda da teoria econômica, embora nos escritos de alguns deles uma peça ocasional de raciocínio inconsequente possa trair um estudo bastante descuidado.

Mas, infelizmente, eles às vezes têm falado dela de maneira um pouco depreciativa e suas palavras foram captadas, exageradas e desvirtuadas por carrascos da ciência do mesmo modo como foram as palavras descuidadas dos líderes da escola Ricardiana na última geração. Há aproximadamente trinta anos um número de homens que nunca fizeram qualquer trabalho sólido em Economia, e não sabiam nada de suas reais dificuldades, proclamaram confiantes a solução dos mais intrincados problemas por meio de umas poucas fórmulas curtas e grossas. Agora homens da mesma classe defendem outro atalho na direção oposta. Estão dizendo para descartar todas as teorias e procurar a solução das nossas dificuldades econômicas no ensino direto dos fatos. Essa, então, é a segunda objeção.

§16. A resposta é que os fatos não falam por si mesmos. A observação nada descobre diretamente das ações de causas, mas somente de sequências no tempo. Pode encontrar que um evento é seguido de, ou coincide com, certo grupo de outros eventos. Mas isso não serve de guia exceto para outros casos em que exatamente o mesmo conjunto de fatos ocorre novamente, agrupados exatamente da mesma maneira. E tais repetições nunca ocorrem na vida do homem, nem em qualquer lugar a não ser laboratórios: a história não se repete. Em problemas econômicos ou em outros problemas sociais, nenhum evento nunca serviu como precedente exato para

outro. As condições da vida humana são muito diversas: cada evento é o resultado complexo de tantas causas, tão intimamente relacionadas, que o passado nunca pode lançar uma luz simples e direta sobre o futuro.

Quando, portanto, se fala que certo evento da história ensina isso ou aquilo, um elemento de raciocínio dedutivo é introduzido, que é provavelmente mais falacioso, quanto mais persistentemente é ignorado. Pois o argumento seleciona algumas dentre o grupo de condições que estavam presentes quando o evento aconteceu e, tacitamente, senão inconscientemente, supõe que as remanescentes são irrelevantes. A suposição pode ser justificável, mas geralmente acontece de outra maneira. Uma experiência mais ampla, uma investigação mais cuidadosa, frequentemente mostra que as causas às quais um evento é atribuído poderiam não tê-lo produzido sem a ajuda de outras causas, talvez mesmo aquelas que dificultaram o evento, que aconteceu a despeito delas por outras causas que escaparam ao conhecimento.

É principalmente por essa razão que os mesmos eventos de história econômica são utilizados por diferentes autores para sustentar teorias opostas. Ambos os lados podem ser perfeitamente honestos, ambos podem desejar falar a verdade e toda a verdade. Porém, ao agrupar os mesmos fatos de diferentes maneiras, ao tornar fundamentais diferentes partes da verdade, sugerem conclusões opostas. Por exemplo, nas controvérsias entre Protecionistas e Liberais americanos, as mesmas estatísticas foram usadas para provar que o aumento das tarifas aumenta e diminui a prosperidade geral. Na investigação, encontramos que uma das causas principais de sua divergência é que atribuem diferentes extensões para o período que decorre entre uma mudança na tarifa e seu máximo resultado.⁶ Um debatedor atribui a uma recente redução na tarifa um resultado que outro diz que seria parte do efeito de uma elevação da tarifa que ocorreu alguns anos antes. É difícil para os que não têm conhecimento especial ter certeza de quais lições podem ser deduzidas desses fatos, embora ambos os lados sejam representados por competentes debatedores, em parte porque é possível que ambos os lados tivessem também interesse na controvérsia para levar em conta causas fora de seu escopo. E esse parece ter sido o fato. É provável que muitos dos resultados atribuídos por ambos para mudanças na tarifa fossem principalmente devidos a causas que não tinham conexão com ela.

Novamente em debates relacionados às taxas de salários pagas nos negócios ingleses, vemos que descobrimos que muito depende das concessões para o tempo

⁶ Ver em particular *Does Protection Protect?*, de Grosvenor, e as partes correspondentes de *Social Science*, de Carey.

de folga e de hora extra, para os ganhos mais altos, da pressão excessiva do trabalho por empreitada e assim por diante. Ficamos à mercê do narrador a menos que possamos, por assim dizer, interrogar os fatos, a menos que sejamos capazes de sugerir a nós mesmos causas que ele possa ter desconsiderado e investigar sua ação.

A experiência em controvérsias como essa mostra a impossibilidade de aprender qualquer coisa com os fatos até serem examinados e interpretados pela razão, e ensina que o mais imprudente e traiçoeiro dos teóricos é o que professa deixar fatos e números falarem por si mesmos, que deixa em segundo plano o papel que desempenhou, talvez inconscientemente, ao selecioná-los e agrupá-los, e ao sugerir o argumento *post hoc ergo propter hoc*.

Para poder, com segurança, interpretar fatos econômicos, seja do passado ou do presente, devemos saber que tipo de efeitos esperar de cada causa e como esses efeitos provavelmente se combinam entre si. Esse é o conhecimento que se tem com o estudo da ciência econômica, enquanto, por outro lado, o avanço da ciência é, em si, principalmente dependente do estudo cuidadoso dos fatos com o auxílio desse conhecimento.

Para esse fim é necessário isolar a ação de uma causa depois da outra, uma tarefa difícil em qualquer caso, e raramente feita exceto por um dos três métodos científicos familiares. O primeiro é verificar se a mesma causa atua em muitos ambientes diferentes, produzindo o mesmo efeito em todos eles. O outro é, tendo já descoberto os efeitos de todas as causas atuantes em qualquer caso, exceto uma, subtraí-los do efeito total, e, pelo método de resíduos, determinar seu efeito. O terceiro é o mais simples, mas geralmente não pode ser aplicado. Trata-se de encontrar dois casos que se assemelham em todos os aspectos exceto numa causa presente em um deles, mas não no outro. Então, trazendo-os à luz, por assim dizer, um contra o outro, o efeito daquela causa é revelado.⁷

§17. Nenhum desses métodos pode ser utilizado com segurança sem um amplo conhecimento. O fio fino dos fatos contados por cronistas ou viajantes é insuficiente para o propósito. Devemos ter acesso a uma vasta massa de fatos que possamos, por assim dizer, interrogar, confrontando-os uns com os outros e interpretando-os um pelo outro.

⁷ Confira o curto, mas magistral, ensaio 'Die Kathedersocialisten und die statistischen Congresses. Gedanken zur Begründung einer nationakke konomisehen Statistik und einer statistischen Nationakekonomie', do prof. Laspeyres.

Deve-se admitir que fazer isso tendo em vista épocas distantes é difícil, se não impossível. Pois a história econômica e social dos primeiros tempos repousa sobre uma base diferente de sua história política. Isso tem algumas vantagens sobre os anais políticos de nossa própria época, na medida em que a posteridade entenderá melhor do que nós, digamos, a política do príncipe Bismarck, porque conhecerá documentos que agora são secretos. Mas, apesar de todas as pistas que lhe deixaremos, a posteridade não será capaz de resolver uma questão controversa quanto aos fatos econômicos tanto quanto nós. E nossa informação dos fatos econômicos do passado longínquo é tão delicada e contraditória que, se a sujeitarmos ao mesmo escrutínio crítico que aplicamos às afirmações controversas sobre os fatos sociais contemporâneos, muito dela desmorona.

E há uma dificuldade adicional: nossas condições econômicas atuais são bastante diferentes das que existiram antes. Em muitos tipos de comércio, o mundo todo é um mercado, os principais negociantes de cada país sabem a cada dia o que os negociantes de todos os outros países estão fazendo naquele dia e, desse modo, moldam seu curso. Em algumas indústrias, negociações entre empregadores e empregados de diversas localidades são feitas em conjunto numa sala. E – a mais importante mudança de todas – muitos dos líderes das classes trabalhadoras têm conhecimento, recursos, autocontrole e dignidade necessárias para conduzir a uma política ampla e de longo prazo. O melhor paralelo que podemos encontrar para esse estado de coisas antigamente, embora seja muito imperfeito, é o daquelas cidades comerciais da Europa medieval onde todos eram livres e onde era possível fazer por meio da palavra o que é feito agora pela imprensa e pelo telégrafo.

§18. O estudo da história econômica tem prestado um bom serviço ao destruir alguns dos princípios mais restritos das escolas mais velhas, ao provar que hábitos e instituições que se supunham inerentes à natureza humana são, comparativamente, típicos do crescimento moderno: e isso jogou uma forte luz sobre os problemas modernos dos países orientais. Por outro lado, a ciência econômica fez muito e acredito que fará ainda mais ao aplicar observações contemporâneas do Ocidente para explicar o passado econômico. Particularmente penso que desvendará e explicará os chamados costumes econômicos, assim como o telescópio desvendou uma nebulosa.

Dizer que qualquer arranjo se deve ao costume é, na verdade, pouco mais do que dizer que não sabemos sua causa. Acredito que muitos dos costumes somente poderiam ser delineados se tivéssemos conhecimento suficiente do lento equilíbrio das motivações mensuráveis: mesmo num país como a Índia nenhum costume se mantém

por muito tempo depois de uma importante mudança nas posições relativas das motivações de oferta e demanda a ponto de os valores, que as levariam ao equilíbrio estável, serem muito distantes daqueles que o costume sanciona.

Onde a mudança das condições é pequena numa geração, os valores relativos de coisas diferentes podem se manter muito próximos do que os economistas modernos chamariam de sua posição normal e assim parecem mal se mover: é como olhar por um breve momento para o ponteiro de um relógio, ele parece não se mover. Porém, se a predominância da motivação econômica é forte numa direção, o costume, mesmo quando mantém sua forma, mudará sua substância e efetivamente cederá.

Por exemplo, acredito que, no Ocidente, raramente as rendas divergem muito por um longo tempo de seu nível ricardiano, exceto quando realmente existe uma propriedade compartilhada da terra.⁸ Elas frequentemente parecem se comportar assim, mas na investigação será geralmente encontrado que elas são trazidas de volta para próximo daquele nível pelo ajustamento dos direitos quasi-feudais ou *abwabs*. Em outros casos o ajustamento é feito por uma leve alteração do caráter da mercadoria sem mudar seu nome. De fato, depois de examinar detalhadamente os preços das principais compras feitas por camponeses em algumas partes da Índia, cheguei à conclusão de que o costume tem menos a ver com elas do que no caso do trabalhador rural do sul da Inglaterra. Diz-se frequentemente que os economistas têm atribuído muita influência à ação da competição (ou, como prefiro chamá-la, da calibragem de motivações mensuráveis) em países atrasados. Estou gradualmente tendendo à opinião de que em muitos casos muito pouca força lhe foi atribuída, mas que aquele erro foi cometido por assumir que ela teria a mesma forma externa que tem entre nós e que nossos próprios métodos para lidar com ela poderiam ser aplicados sem alteração a países atrasados.

Somos capazes de examinar os fatos da Índia moderna e acredito que nossa ciência, ao trabalhar sobre esses fatos, produzirá gradualmente uma solução que explicará muito do que hoje não é inteligível na história econômica medieval.

Ganancioso então como o economista deve ser por fatos, ele não pode se contentar com meros fatos. Sem limites é como deve ser sua gratidão aos grandes pensadores da escola histórica, ele deve desconfiar quando se diz que o passado

⁸ A propriedade compartilhada está dentro do escopo do raciocínio ricardiano assim como a propriedade individual. Diz-se com frequência que nosso maior erro ao tratar da terra dos povos celta e indiano é aplicar a ela a teoria ricardiana da renda. Sem dúvida cometemos um erro nesse sentido, mas acredito que nosso maior erro é jurídico e não econômico, e consiste em nossa recusa a reconhecer o fato da propriedade compartilhada.

joga uma luz direta sobre os problemas do presente. Deve permanecer firme no plano mais trabalhoso de interrogar fatos, a fim de aprender como as causas agem individualmente e combinadas, aplicar esse conhecimento para construir o órgãoon da teoria econômica e, então, lançar mão do auxílio do órgãoon ao lidar com o lado econômico dos problemas sociais. Ele então trabalhará à luz dos fatos, mas a luz não será lançada diretamente, será refletida e direcionada pela ciência.

§19. Tal é o trabalho que está diante da ciência econômica: permita-nos considerar a relação de Cambridge com ele. É desejado um conhecimento maior e mais amplo do conhecimento científico dos fatos: um órgãoon mais forte e mais completo, mais capaz de analisar e auxiliar na solução dos problemas econômicos da época. Desenvolver e aplicar o órgãoon corretamente é nossa necessidade mais urgente: e isso requer todas as faculdades de uma mente cientificamente treinada. Eloquência e erudição foram abundantemente gastas a serviço da Economia. Elas são boas à sua maneira, mas o mais desejado agora é o poder de manter a cabeça fria e clara ao traçar e analisar a ação combinada de muitas causas combinadas. Sem considerar gênios excepcionais, esse poder é raramente encontrado, salvo entre os que passaram por uma severa trajetória de trabalho nas ciências mais avançadas. Cambridge tem mais desses homens do que qualquer outra universidade no mundo. Mas, infelizmente, poucos têm se voltado para a tarefa.

Isso acontece em parte porque o único currículo em que a Economia tem um importante papel é o Tripos⁹ das Ciências Morais. E muitos dos que estão preparados para o mais elevado e difícil trabalho econômico não são atraídos pelos estudos metafísicos que se encontram nos limites daquele Tripos. A Economia é uma ciência das motivações humanas e, uma vez que algum agrupamento é necessário, ela não poderia ser melhor agrupada do que com outras Ciências Morais. Testado por seus resultados, o Tripos é excelente. Ela poderia reivindicar uma participação muito maior, do que em proporção aos seus números, entre os que aumentaram a fama de Cambridge e seu poder no mundo; e o que isso significou para a Economia certamente não foi a menor de suas conquistas. Mas não poderia apelar para alguns dos que não têm o gosto ou o tempo para o conjunto das Ciências Morais, mas que têm mentes cientificamente treinadas tão urgentemente desejadas pela Economia? Não poderia pedir que contribuam com sua força, que acrescentem um conhecimento do órgãoon econômico ao seu treinamento geral e, assim, façam parte da grande obra de investigar em que medida é possível remediar os males econômicos dos dias atuais?

⁹ [N. do T.] Exame da Universidade de Cambridge.

§20. Pois, de fato, o trabalho é urgente. A riqueza material sempre teve pouco apelo para a mente acadêmica. Nossos melhores homens, jovens e velhos, encontraram sua alegria em fazer o melhor trabalho de que eram capazes e pouco se preocuparam se ganhariam muito ou pouco dinheiro. Seguros de ter uma vida refinada e culta, e com um justo e nobre desprezo pelos que buscavam riquezas supérfluas, eles frequentemente tenderam a uma atitude de indiferença filosófica quanto à riqueza e a tudo o que lhe diz respeito. Mas isso tem sido um grande e desastroso erro.

Por que tantas vidas são arrastadas para a sujeira, a imundície, a miséria? Por que existem tantos rostos abatidos e mentes atrofiadas? Principalmente porque não há riqueza suficiente e a que existe não é bem distribuída e bem utilizada. Muito tem sido falado sobre o sofrimento físico e a insalubridade causados por moradias superlotadas, mas a insalubridade mental e moral devido a elas é um mal ainda maior. Com melhor moradia e alimentação, com menos trabalho duro e mais lazer, a grande massa de nosso povo teria o poder de levar uma vida bastante diferente da que vivem hoje, uma vida muito mais elevada e nobre.

§21. É frequentemente observado que uma das causas das maravilhosas realizações dos gregos foi a franqueza com que trataram os problemas de sua época. Nunca houve uma época tão cheia de grandes problemas sociais como a nossa e, certamente, eles são não indignos dos melhores esforços das melhores mentes entre nós. Pense na força que os universitários poderiam trazer com sua influência pessoal se um grande número deles aprendesse a pensar claramente e estudasse o assunto-problema de sua época. Eles tomariam parte de maneira sábia e ativa em aliviar a pobreza sem fazer pauperismo, em ajudar as pessoas a se educarem e a alcançarem um nível mais alto, em tornarem-se não só produtores mais eficientes, mas também consumidores mais sábios, com maior conhecimento de tudo o que é belo e maior preocupação com isso.

E, finalmente, se mais universitários considerassem sua vida aqui como uma preparação para os mais altos postos dos negócios, que mudança fariam no tom dos negócios! Sentimentos justos e nobres seriam introduzidos no escritório, na fábrica e na oficina, sem o risco que corre a fraca benevolência de transformar sentimento em sentimentalismo, de cortejar a ruína e aumentar o preconceito comum de que uma casa de negócios de aparência agradável provavelmente dará prejuízo. Se nossas universidades fossem mais simpáticas com os negócios, a caridosa Inglaterra não teria

deixado para outros países muito do trabalho de pioneirismo nos meios de tornar a vida na fábrica agradável e bela!¹⁰

Por que deveria ser deixado para socialistas impetuosos e oradores ignorantes o clamor em voz alta de que ninguém deve ser excluído pela falta de meios materiais da oportunidade de levar uma vida digna do homem? Daqueles que dedicam suas almas inteiramente à discussão desse problema, a maioria apresenta planos concebidos apressadamente que, na maioria das vezes, aumentariam os males que desejam remediar: porque não tiveram treinamento para pensar em difíceis e intrincados problemas, um treinamento que é raro no mundo e abundante em Cambridge. A grande força científica de Cambridge não é indiferente aos problemas sociais, mas se contenta em tratá-los de maneira amadora, não com a mesma profunda seriedade que dedica a outros estudos.

Em parte isso pode ser devido ao fato de que a Economia ainda está tanto em sua infância que tem pouco a ensinar. Mas então aqueles que já são mestres do método científico podem aprender rapidamente esse pouco e, quando tiverem aprendido, ficarão surpresos com o quanto de discernimento obtiveram com apenas um pouco de trabalho sobre a natureza real dos problemas que precisam ser resolvidos.

Será minha mais estimada ambição, minha mais elevada tarefa fazer, com minha fraca capacidade e minha limitada força, o que eu puder para ampliar o número daqueles que Cambridge, a grande mãe de homens fortes, envia para o mundo com cabeças frias, mas corações quentes, desejosos de dar pelo menos alguns de seus melhores poderes para lutar contra o sofrimento social de seu entorno, determinados a não se contentar até que façam o que puderem para descobrir até onde é possível levar a todos os meios materiais de uma vida refinada e nobre.

Traduzido por Thiago Fontelas Rosado Gambi

¹⁰ Conferir *Old World Questions and New World Answers*, de D. Pidgeon.